

As Artes entre a Ciência e a Tecnologia

Engenheira, artista e doutorada em comunicação, a Professora Cristina Sá, coordenadora do CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica do Porto (UCP) personifica a amálgama de saberes que prolifera nos corredores desta Escola. Atenta às diferentes dinâmicas que acolhe, o próprio espaço da UCP assistiu a uma mudança de paradigma, abrindo-se à comunidade, através da realização de uma série de eventos que atraem novos públicos à Escola e permitindo aos seus membros ser embaixadores da Escola fora de portas.



“Precisamos de toda esta comunidade e destes cercos, porque somos um alvo em movimento, dado que a Ciência, a Tecnologia e as Artes estão em permanente mutação. É nesse espaço intermédio que fazemos sentido”.

O CITAR foi formado em 2004 e faz a ligação entre a Ciência e Tecnologia com as Artes. Ali, trabalhando na interseção de várias disciplinas, procura-se encontrar o equilíbrio entre diferentes áreas do saber com vista à evolução e ao conhecimento. O seu universo de investigadores é oriundo de áreas como a Pintura, Artes plásticas, Filosofia, Conservação e Restauro, Engenharia, Música, Química, Física, Comunicação, Som e Imagem, entre outras. Metaforicamente, poderíamos pensar em várias moléculas que se unem para empregar sentido ao saudável convívio de diferentes correntes de conhecimento.

Falamos de saberes tão complexos, e aparentemente desconectados, que tornam difícil a caracterização do centro, como salienta Cristina Sá: “Não operamos na lógica de centro e periferia, somos in-

terseção. Os investigadores do CITAR passam entre as linhas que cosem estas disciplinas”, facto que dificulta a definição objetiva da investigação ali produzida.

Compreender a forma como a Ciência e Tecnologia se relacionam com a Arte, no passado, no presente e no futuro é o mote destes investigadores que assumem querer fazer parte dessa construção. A missão do CITAR pode ser assim entendida como olhar para o passado, estar ao corrente do presente, e moldar do futuro.

“Fazemos este cerco à Arte por diferentes vertentes: um cerco temporal, no sentido de nunca esquecer o passado, trabalhar o presente e moldar o futuro; um cerco metodológico, promovendo investigadores que se dedicam essencialmente à investigação teórica, outros à investigação prática, e ainda outros focados na investigação artística; e, por fim, um cerco operacional – refletin-

do sobre Arte, criando Arte, conservando e restaurando Arte e patrimonializando Arte”, explana a nossa interlocutora, reforçando: “Precisamos de toda esta comunidade e destes cercos, porque somos um alvo em movimento, dado que a Ciência, a Tecnologia e as Artes estão em permanente mutação. É nesse espaço intermédio que fazemos sentido”.

O CITAR acolhe perto de 100 profissionais (cerca de metade são investigadores integrados) que se dividem entre o trabalho de fundo em áreas de nicho, de aprofundamento, como a Joalheria ou Música Analítica, a outros que prosseguem um caminho em áreas emergentes, como a Preservação das Artes Digitais, colocando este espaço “numa posição privilegiada para contribuir para a comunidade científica internacional, em esferas que vão desde a Conservação e Restauro à New Media Art”.

Quando falamos de investigação em áreas emergentes, falamos de tempo. Tempo para poderem ser percecionadas de uma forma clara e objetiva que conduza à evolução. “A Ciência carece de tempo para evoluir”, alerta Cristina Sá. Os recentes financiamentos que abrangem áreas de interseção fazem acreditar “que chegou a nossa hora”, confia a investigadora. Sabedores daquilo que designa como “as dores da interseção” – até pelo trabalho que vêm desenvolvendo com o Centro de Biotecnologia e Química Fina – alerta que não se pode apressar o encontro de áreas diferentes, sob o risco de se perder a riqueza de ambas. “Se trabalhamos só com o que, obviamente, de comum têm duas áreas, podemos estar a perder oportunidades para evoluir. Mas se quisermos levar essa interseção até ao limite, temos de dar tempo para perceber, experimentar, errar e recomeçar”.



“CO:LATERAL” João Martinho Moura e Né Barros

A Arte está em constante definição, porque é um pensamento disruptivo, provocador, questiona os meios e as metodologias que estão a ser usadas pelos e por si mesma, o que pode de facto levar a uma mudança de grau, mas também de ordem naquilo que se faz em termos de investigação – existindo já programas que incentivam artistas a trabalhar em centros dedicados às ciências exatas, como um elemento que provoca o pensamento.

CITAR

O CITAR apresenta quatro áreas foco de investigação que se articulam: Som e Música; New Media Art; Cinema e Arte Cinemática; Património, Conservação e Restauro. Não tendo como vocação a transferência de conhecimento, é através da articulação com o Centro de Criatividade Digital e o Centro de Conservação e Restauro que o CITAR comunica com o exterior. Porém,

são ténues as fronteiras que separam a realidade destas três organizações dada a partilha de investigadores.

Ainda assim, apostado em agilizar a comunicação do seu trabalho com os diferentes públicos, o CITAR está a protagonizar outras intervenções orientadas, a título de exemplo, pelo Centro Regional do Porto (completa 40 anos em 2019) abraçando novos desafios em parceria com organizações locais. “Tudo quanto seja investigação artística vai ter sempre uma forma de comunicar com o público, que é a Arte; não podemos estar à espera que ela seja direta, convencional, num sistema de comunicação ágil ou eficiente. A Arte tem as suas formas próprias de comunicar, há-de sempre ser uma nota provocatória, de emoção. Quem faz investigação artística é pela sua obra artística que chegará”, realça Cristina Sá. No entanto, a investigadora não deixa de confirmar que a comunicação é agora um dos objetivos do CITAR: “Esta impor-



“Journey to Last Frontiers”, Álvaro Barbosa e Vitor Gama

A investigação e o ensino

Anualmente, o CITAR concede bolsas de iniciação à investigação para licenciados, que durante seis meses têm a oportunidade de se embrenhar na dinâmica do centro. “Essa é a primeira base para incutir o gosto pela investigação”, comenta Cristina Sá.

Sempre que possível o Centro acolhe um investigador convidado que para além do diálogo com os pares, é convidado a apresentar uma sessão, aberta a toda a comunidade, interna e externa. Iniciativas que aproximam a investigação da sociedade e dos mais jovens.

tância tornou-se para nós muito clara quando, no trabalho de campo, somos confrontados com questões e temos aí o mote para (in)formar o público para a necessidade de preservar o património”, exemplifica.

O CITAR no mundo

A relação do CITAR com o meio onde se insere é profícua, principalmente se tivermos em consideração toda a dinâmica que impera no norte do país, nomeadamente na cidade do Porto, a sua casa-mãe. “Se queremos trabalhar em bloco e transformar uma área, temos que trabalhar com os vizinhos, por isso, mantemos redes de nível nacional e internacional que muito estimamos”, sublinha Cristina Sá.

Se com a Casa da Música ou com a Fundação de Serralves se estabeleceram protocolos que levam à criação de programas educativos e performativos, o CITAR marca presença em ações, que embora mais simples, têm grande impacto no meio onde se insere. Apontemos, por exemplo, a parceria com a União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde que visa a apresentação de experiências de ensino a populações que revelam altos índices de abandono escolar. “São projetos que surgem de forma isolada, mas que nos vão construindo, claramente, nesta ligação com a sociedade”, reforça a coordenadora do CITAR. Anualmente, no mês de julho, a Teen Academy abre as portas da UCP a vários jovens que se embrenham em experiências que têm como mote a Ciência, a Tecnologia e as Artes.

Voltando à cidade do Porto, Cristina Sá considera que “todo este rebuliço é fundamental para o ecossistema de investigação”. No seu entender “torna tudo muito mais simples”, numa cidade que cativa. “Hoje, toda a gente quer vir ao Porto o que facilita inclusive a visita de investigadores para fazerem “talks”, estão muito mais recetivos. Não sendo contabilizáveis, desde há uns anos nota-se uma diferença enorme no contacto a nível internacional, tornando-nos mais próximos dos nossos pares”.



Campanhas de Verão de Conservação e Restauro - intervenção no Município de Ovar

ESCOLA DAS ARTES



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR